

AS CONTRIBUIÇÕES DA INCLUSÃO DIGITAL PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DA FACED/UFSCAR

THE CONTRIBUTIONS OF DIGITAL INCLUSION FOR DISTANCE EDUCATION IN THE CONTEXT OF FACED
/ UFSCAR

- Igor Márcio do Nascimento Azevedo (UFC – igor@multimeios.ufsc.br)
 - Hermínio Borges Neto (UFC – herminio@multimeios.ufsc.br)
- Antonia Lis de Maria Martins Torres (UFC - lisdemaria@multimeios.ufsc.br)
 - Angela Maria de Sousa Bezerra (UFC – angela@multimeios.ufsc.br)
 - Lara Meneses Saldanha Nepomuceno (UFC – lara@multimeios.ufsc.br)
 - Silvia Sales de Oliveira (UFC – silvia@multimeios.ufsc.br)

Resumo:

Esta pesquisa objetivou identificar as contribuições da Inclusão Digital a partir da vivência dos alunos na disciplina de Educação a Distância (EaD) do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (UFC). Para tanto, apoiamo-nos em autores como Alves (2009), Costa (2013), Xavier (2017), Nova e Alves (2003), Soares (2014), Souza (2013), Borges Neto e Capelo Borges (2007), Borges Neto et al (2009), Bezerra (2015), entre outros, para fundamentar a pesquisa. Os percursos metodológicos abordados caracterizam-se como qualitativos, observação participante e análise documental. O campo de pesquisa foi representado pela disciplina de EaD/FACED/UFSCAR no semestre 2015.2, que contou com o apoio de 11 formadores e 40 alunos matriculados. A análise dos dados por meio de observação participante e documentos, permitiram visualizar a ID do Laboratório de Pesquisa Multimeios - Faced UFC (MM), dentro da disciplina. O encontro de respostas e categorias evidenciaram profundas reflexões para melhoria da disciplina. Apontamos como benefícios, a utilização de novas ferramentas digitais, como o Whatsapp que nos permitiu a interação imediata e troca de conhecimentos necessários à construção desta pesquisa. Por fim, esta pesquisa permitiu atentarmos para as pequenas e grandes vivências dos alunos da disciplina de EaD, promovendo uma reflexão profunda sobre o que queremos e que faremos em relação a ID do MM e seus princípios norteadores.

Palavras-chave: Educação a Distância, Inclusão Digital, Alunos.

Abstract:

This research aimed to identify the contributions of Digital Inclusion from the experience of the students in the subject of Distance Education (EaD) of the Pedagogy Course of the Faculty of Education (UFC). For this, we support authors such as Alves (2009), Costa (2013), Xavier (2017), Nova and Alves (2003), Soares (2014), Souza (2013), Borges Neto and Capelo Borges (2007). Borges Neto et al (2009), Bezerra (2015), among others, to base the research. The methodological approaches addressed are characterized as qualitative, participant observation and documentary analysis. The field of research was represented by the EaD / FACED / UFC discipline in the semester 2015.2, which was supported by 11 trainers and 40 students enrolled. The analysis of the data through participant observation and documents, allowed to visualize the ID of the Multimeios Research Laboratory - Faced UFC (MM), within the discipline. The meeting of answers

and categories showed deep reflections to improve the discipline. We point out as benefits, the use of new digital tools, such as Whatsapp that allowed us the immediate interaction and exchange of knowledge needed to build this research. Finally, this research allowed us to take into account the small and large experiences of the students of the Discipline of Distance Education, promoting a deep reflection on what we want and what we will do in relation to the ID of the MM and its guiding principles.

Keywords: Distance Education, Digital Inclusion, Students.

1. Introdução.

A Inclusão Digital (ID) é um tema da nossa contemporaneidade, pois através dela é que fornecemos uma base socializadora para sermos incluídos como sujeitos na sociedade da tecnologia. Segundo Borges Neto e Capelo Borges (2007), a inclusão digital refere-se ao processo de adquirir um conhecimento digital e realizar transposições necessárias para a utilização do computador de forma a superar obstáculos de tarefas e interações.

Diante disso, acreditamos que o uso do computador e o processo de inclusão digital influenciam uma área importante do Ensino. Desse modo, o objetivo deste trabalho buscou identificar as contribuições da Inclusão Digital a partir da vivência dos alunos na disciplina de Educação a Distância (EaD) do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFC.

Nesta perspectiva, o trabalho se organiza da seguinte forma: o primeiro tópico traz informações específicas da EaD no Brasil em instituições de ensino. No segundo tópico, esmiuçaremos o conceito de EaD utilizado na própria disciplina, baseado na metodologia da Sequência Fedathi e como consiste seu andamento em relação à interação entre os alunos e seus ambientes virtuais de ensino e ferramentas de aprendizagem. No terceiro tópico, apresentamos uma discussão sobre conceitos de inclusão digital e um breve contexto histórico de implementação de políticas públicas relacionadas a essa inclusão e tecnologias. No quarto tópico, apresentamos dados e reflexões alcançadas a partir da observação participante das falas dos sujeitos envolvidos na pesquisa e análises documentais partindo de escritos desses sujeitos no AVE (Ambiente Virtual de Ensino). Após este percurso, chegamos às considerações finais, trazendo a conclusão da pesquisa e revelando possíveis contribuições da Inclusão Digital para melhoria dos alunos na disciplina de EaD.

1.1. Breve relato da EaD.

A Educação a Distância (EaD) é muito importante na sociedade da informação na qual vivemos, visto que a mesma é bem dinâmica e fluída em diversos aspectos. Corroborando com esse conceito de EaD, Castells (1999) apresenta o novo paradigma para a compreensão dessa sociedade pós-industrial, pois o processamento da informação tem implicado um novo modo de desenvolvimento informacional, baseado na tecnologia da informação. Esse conceito auxilia o entendimento da utilização da EaD nessa “nova sociedade”, a fim de melhorar a geração de conhecimento.

Litto e Formiga (2009) acreditam que os primeiros registros sobre a EaD foram feitos em 1729, na cidade de Boston, nos Estados Unidos, com utilização de correspondência. Já

Matta (2003) afirma que esses processos já existiam desde a Idade Antiga, pois um de seus exemplos é o ensino de Alexandre, o Grande, por Aristóteles feito por correspondência.

Nunes (2009) afirma que após esse período de correspondências, evoluímos para o sistema de radiodifusão, articulando o rádio com o material impresso e a organização escolar e curricular. Com o início da década de 1950, “surge” um novo meio de comunicação: a televisão, na verdade ela já existia desde a década de 1930, porém, depois da Segunda Guerra, a televisão vai sendo consolidada como um meio de comunicação educacional.

Nova e Alves (2003) afirmam que a EaD é uma modalidade de ensino, em que os alunos não estão atrelados a uma sala de aula, mas que houve criação de sistemas de ensino por meio de veículos de comunicação diversos (correio, rádio e televisão), atendendo uma parcela da população que não pode frequentar esses espaços físicos regularmente.

Dentre os inúmeros programas que surgiram após a criação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação em 1937, Alves (2009) destaca: a Escola Rádio-Postal, A Voz da Profecia (criada pela Igreja Adventista em 1943, oferecendo aos ouvintes cursos bíblicos), o Senac em 1946 com a Universidade do Ar (no Rio de Janeiro e em São Paulo), a Igreja Católica (por meio da diocese de Natal – RN, criou em 1959 algumas escolas radiofônicas) dando origem ao Movimento de Educação de Base, a Fundação Padre Landell de Moura (no Rio Grande do Sul) com cursos via rádio. O Projeto Mobral tinha grande abrangência nacional, pois era feito pelo rádio e vinculado ao governo federal.

Segundo Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) foi criado em 1969 e tinha como intuito, oferecer alfabetização a amplas parcelas dos adultos analfabetos nas mais variadas localidades do país, contribuiu para legitimar a nova ordem política implantada em 1964.

A televisão por sua vez foi tomando seu espaço no âmbito educacional principalmente na década de 1960 e 1970. Com a determinação do Código Brasileiro de Telecomunicações em 1967, determinado a transmissão de programas educativos nas emissoras de televisão e rádio. Além disso, foi dado bastante incentivos às grandes emissoras de radiodifusão, televisão educativa, universidades e fundações para instalação de canais de difusão educacional. (ALVES, 2009)

Em 1969 foi criado o Sistema Avançado de Tecnologias Educacionais, que previa a utilização de rádio, televisão e outros meios aplicáveis. Após, o Ministério das Comunicações baixava portaria definindo o tempo obrigatório e gratuito que as emissoras comerciais deveriam ceder à transmissão de programas educativos. (ALVES, 2009)

Alves (2009, p. 10) afirma que “no início da década de 1990, as emissoras ficaram desobrigadas a ceder horários diários para transmissão dos programas educacionais, significando um grande retrocesso”. Com o passar dos anos não ocorreram resultados concretos nos canais abertos de televisão, visto que os programas educacionais eram transmitidos em horários incompatíveis com alunos-usuários.

A partir da chegada dos computadores no Brasil e internet, há propagação da EaD para todo sistema educativo brasileiro, visto que o acesso a essas tecnologias no início era bem restrito, pois os equipamentos eram caros e o acesso à internet era pouco. Há desafios a serem superados, principalmente em relação aos custos elevados para fins sociais. (ALVES, 2009).

2. EaD no contexto da Faced – UFC e sua metodologia diferenciada

A disciplina de Educação a Distância é ofertada no Curso de Pedagogia Presencial da UFC, pelo Departamento de Estudos Especializados da Faced, tendo carga horária de 85% a distância e 15% presencial. Segundo Costa (2013) a oferta da disciplina acontece sob coordenação de professores, vinculados ao Laboratório de Pesquisas Multimeios (MM), responsáveis também pelo andamento de outras disciplinas optativas relacionadas à tecnologia. Além dos professores, a disciplina conta com o apoio de formadores, os quais trabalham em todos os processos que compõem a disciplina, contribuindo de forma ativa em seu processo de formação. Totalizando uma equipe de onze pessoas para gerir e organizar a disciplina em questão.

De acordo com Xavier (2017), a disciplina conta com três encontros presenciais: o primeiro visa a apresentação dos alunos à disciplina, familiarização e cadastro nos ambientes virtuais utilizados durante o semestre; o segundo encontro promove a avaliação, através de uma avaliação diagnóstica e o terceiro encontro é realizado para avaliações finais para alunos com dificuldades.

É importante destacar que essas pesquisas e leituras disponibilizadas nos Ambientes Virtuais de Ensino utilizados (Moodle e TelEduc) foram construídas por membros do MM, demonstrando o valor da pesquisa nesse laboratório. Xavier (2017) complementa, afirmando que na concepção de EaD do MM o aluno deve ter autonomia para escolher seu momento de leitura e participação dentro dos ambientes, mas que o mesmo deverá respeitar os prazos de realização de tais atividades. Essa organização da disciplina e disponibilização de informações é necessária para que o aluno desenvolva realmente essa autonomia pretendida durante a disciplina.

Nova e Alves (2003) afirma que a função do formador na modalidade de ensino a distância, é de mediador, um agente organizador, dinamizador e orientador da construção do conhecimento do aluno, contribuindo para sua autoaprendizagem. Xavier (2017) corrobora com as autoras acima, admitindo que os formadores/mediadores ficam responsáveis pelo direcionamento do estudo, sem fornecimento de respostas prontas, fazendo com que os alunos desenvolvam seus próprios argumentos e consigam construir conceitos próprios.

As ferramentas utilizadas no AVE TelEduc são: Agenda, Bate-papo, Fóruns, Parada Obrigatória, Mural, Diário de Bordo, Correio, Perfil, Portfólio, Material de Apoio, Leituras, Grupos, dentre outros. Algumas ferramentas são utilizadas mais do que outras, mas nessa pesquisa detalharemos mais as ferramentas que utilizamos para obtenção dos dados e informações pertinentes à mesma.

Costa (2013) ainda apresenta argumentos que defendem a utilização de uma metodologia que favoreça uma aprendizagem baseada na construção do conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor e que favoreça a autonomia do estudante, essa metodologia é a Sequência Fedathi. Assim, a utilização de AVE e ferramentas digitais não serão suficientes para construção de uma disciplina de EaD coerente com a ofertada pelo MM, pois a metodologia é outro instrumento importante para a construção desta nesse formato.

3. Sequência Fedathi: metodologia diferenciada aplicada à EaD.

Segundo Souza (2013) a Sequência Fedathi é uma teoria nova e foi apresentada formalmente em 1996, na Tese de Pós-Doutorado do Prof. Hermínio Borges Neto, da UFC, na Universidade de Paris VI. Segundo o autor da Sequência Fedathi, ao se deparar com um novo problema, o aluno deve reproduzir alguns passos, os quais um matemático realiza quando se debruça sobre seus ensaios. Assim, tomando por base os passos efetuados, a metodologia é composta de quatro etapas sequenciais: tomada de posição, maturação, solução e prova.

Souza (2013) apresenta cada etapa, detalhando seus principais aspectos: na primeira etapa (tomada de posição) é lançado uma questão problema para o aluno, a qual deverá conter relação direta com o conteúdo abordado em sala. Nessa etapa, os alunos poderão trabalhar coletivamente ou individualmente. A autora destaca que os professores poderão refletir, ouvir, indagar e levantar hipóteses acerca desse conhecimento construído pelos alunos durante essa etapa, utilizando uma linguagem acessível e que possibilite a comunicação matemática. A segunda etapa (maturação) é destinada à discussão entre professores e alunos sobre a situação proposta, levando os alunos a compreensão e possível solução da mesma. Através dessa troca de aprendizagem entre professor e aluno, poderemos identificar a concretização das etapas da Sequência Fedathi. Nessa etapa lembre-se muito da postura denominada por Borges Neto et al (2001) de mão-no-bolso, àquela em que o professor induz o aluno à procura de respostas, sem apresentar-lhe diretamente a solução.

Na continuação da Sequência Fedathi temos mais duas etapas, segundo Souza (2013): solução e prova. Na etapa da solução, os alunos deverão organizar modelos para apresentação de possíveis soluções, as mesmas poderão ser escritas/verbalizadas ou visualizadas por meios de gráficos e esquemas. Nessa etapa é importante a estimulação dos alunos por parte do professor para justificarem a escolha de seus caminhos quanto à solução desejada, além disso, nessas apresentações/discussões o aluno poderá perceber as diferentes compreensões de um mesmo problema.

A autora descreve a última etapa, a prova, como uma apresentação prática e otimizada dada pelo professor sobre o novo conhecimento apreendido, proporcionando ao aluno a elaboração de um conceito final que poderá ser aplicado na resolução de outras situações-problema. Todas as etapas apresentadas fazem parte de uma sequência, que poderá ou não fazer parte de uma única aula, pois dentro de uma mesma aula poderá acontecer várias vezes a sequência de etapas, assim como uma aula poderá não ser suficiente para todas as etapas da sequência. A Sequência Fedathi visa oferecer ao docente a oportunidade de trabalhar significativamente com o aluno a fim de favorecer um momento de aprendizagem onde o mesmo poderá utilizá-la para toda vida e tenha condição de fazer parte ativa desse processo. “A Sequência Fedathi busca diferenciar-se positivamente em relação ao ensino tradicional, valorizando igualmente as ações do professor e do aluno durante o ensino”. (SOUZA, 2013, p. 38)

4. A inclusão digital no contexto das políticas públicas.

O processo de implementação de políticas públicas relacionadas à inclusão digital no Brasil é iniciado no final do século XX, com a exigência de um movimento mundial pautado na sociedade da informação. Com o apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e os quatro setores da sociedade brasileira (governamental, acadêmico, privado e terceiro setor) houve estabelecimento de conteúdos e construção de diretrizes visando a inclusão da sociedade brasileira à sociedade da informação. (SILVA et al, 2005). O grande intuito nesse período era amenizar as desigualdades sociais que a utilização das TIC's poderia proporcionar no Brasil, surge então o Programa Sociedade da Informação (SocInfo) no Brasil. Esse programa tentava garantir a distribuição e utilização das TIC's de maneira menos excludente possível, fazendo com que toda a população pudesse ter acesso a essas tecnologias. O Programa foi instituído em 1999 pelo Governo Federal, concebido a partir de um estudo conduzido pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT), sendo coordenado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) (MENEZES; SANTOS, 2001).

A proposta envolvida no Projeto tem relação à “educação na sociedade da informação”, apoiando esquemas de aprendizado, de educação continuada e a distância baseados na Internet e em redes, nas escolas, capacitando professores, gerando auto aprendizado e certificação em tecnologias de informação e comunicação em larga escala. Além de implantar reformas curriculares visando o uso de tecnologias de informação e comunicação em atividades pedagógicas e educacionais, em todos os níveis da educação formal (MENEZES; SANTOS, 2001).

Quando mencionamos o conceito exclusão digital é necessário entender que o foco é o cidadão digital e tecnologicamente excluído ou infoexcluído, mas que é necessária sua inclusão digital na sociedade da informação, visto que existem políticas públicas que visam esse propósito.

Cabral Filho (2006) conceitua inclusão digital como uma ideia de alfabetização digital, gerando um processo de inclusão social, voltando o foco para aqueles que são excluídos socialmente, acrescentando a temática da tecnologia digital no sentido de somar esforços para atenuar essa diferença. Silva (2011) afirma que é inegável que a exclusão digital tem uma imensa correlação com outras formas de desigualdade social e destaca que as maiores taxas de exclusão se encontram nos setores de mais baixa renda possível, isso ocorre devido ao aumento das desigualdades sociais e o não acesso a tecnologias de “alto custo”, impedindo a inclusão digital dessas pessoas. Corroborando com esse entendimento, Borges Neto e Capelo Borges (2007), afirmam que a inclusão digital ocorre quando o indivíduo é capaz de utilizar um aparato tecnológico através de seu raciocínio, realizando a transposição didática de um saber já dominado em determinada situação para utilizá-lo em outra situação diferenciada, garantindo a sustentabilidade e a multiplicação desse conceito.

A sustentabilidade, em termos digitais, refere-se à continuidade desse processo de acesso às tarefas complexas e interação com os outros, mediada por meios digitais. Já a multiplicação é o ensino dessas aquisições a outras pessoas não incluídas digitalmente, de maneira que elas possam fazer uma experiência mediada com os ambientes virtuais. Além desses, Bezerra (2015) acrescenta a necessidade de formação de pessoas das comunidades com habilidades de gerir e manter um laboratório de informática educativa; gerar

autonomia e sustentação, bem como a qualidade do acesso, de modo que possibilite reflexões e construção de uma cultura digital adequada à realidade de cada comunidade. A autora ressalta ainda a importância do acompanhamento técnico-pedagógico refletindo que “a intencionalidade da formação vem a partir de uma ação educativa, não de uma necessidade puramente técnica”. (BEZERRA, 2015)

Segundo Borges Neto e Rodrigues (2009), apesar dos benefícios que as tecnologias digitais fornecem à sociedade atual, alguns aspectos como: distribuição, acesso e uso dessas tecnologias podem aumentar as diferenças existentes entre classes sociais. A exigência de domínios tecnológicos na nossa sociedade para acesso à informações e serviços, é presente em todos os segmentos. Com isso, é necessário a inclusão digital para que essas pessoas sejam incluídas socialmente, pois caso não haja essa inclusão, os mesmos serão “excluídos digitalmente e socialmente”.

Diversos projetos de inclusão digital (ID) foram promovidos no Brasil com a finalidade de promover, facilitar o acesso às tecnologias digitais e alargar experiências educacionais de diversos segmentos da população, ampliando chances de êxito profissional, dentre eles podemos destacar: os pontos e inclusão digital (PID's). O grande questionamento é em relação à forma que acontece essa “inclusão digital”, muitas vezes não dispo de acesso à Internet.

Devemos nos atentar para qualidade da inclusão digital fornecida e quais aspectos críticos e conceituais a mesma aborda, rompendo com perspectivas tecnicistas, trazendo uma compreensão mais aprofundada e crítica dessas tecnologias em nossa sociedade. Uma das nossas maiores armas contra a exclusão digital é a educação, pois podemos contribuir de maneira qualitativa no aprendizado dos alunos quanto às questões tecnológicas, promovendo assim a inclusão digital. O que fica bastante visível é que a educação e a correta utilização das TIC's influenciam diretamente na inclusão digital dos indivíduos, promovendo assim a garantia de certas políticas públicas que não foram efetivadas e sustentadas com sucesso durante certos governos. É importante destacar que o processo de inclusão digital é um processo histórico, rodeado de lutas e conquistas, visando não só a inclusão digital, mas a inclusão do outro como um ser social sobrevivente em uma sociedade cada vez mais capitalista e selvagem digitalmente. Caso essas pessoas não sejam incluídas digitalmente e com qualidade, serão massacradas pela evolução da sociedade, visto que, a tecnologia e comunicação reinam no mundo da informação.

5. EaD/inclusão digital: o que dizem os sujeitos?

Apresentamos nesse item os dados com as inferências e interpretações qualitativas obtidas a partir de análises documentais e observação participante (do formador) sobre o fórum de ambientação da disciplina de EaD/FACED/UFC dentro do AVE TelEduc. A ferramenta analisada, foi o primeiro fórum proposto aos discentes, previamente construído pela equipe pedagógica que acompanha a disciplina.

Ao construirmos esse fórum, levamos em consideração a pergunta inicial e o próprio layout. Utilizamos uma série de artifícios gráficos para chamarmos atenção do aluno, dentre eles, destacamos: o uso de cores diferentes nas frases, a marcação em amarelo para o que

era mais importante, a imagem que remete ao livre pensamento sobre EaD e o incentivo em vermelho para fruição de ideias, conforme



O que vim fazer aqui? Igor Márcio Do Nascimento Azevedo Relevância Não Avaliada 29/07/2015

Mensagem:

Sejam Bem Vind@s à disciplina de EaD da UFC!

Nesse primeiro momento, desejamos que falem um pouco de vocês e o que sabem sobre a dinâmica da disciplina de Educação à Distância na UFC.

Destacamos de início que será muito importante a leitura do texto : Como se organiza a disciplina de Educação à Distância do curso de Pedagogia da UFC, de Zayra Barbosa Costa, para uma maior compreensão da disciplina em questão.

Dessa forma disponibilizamos esse Fórum inicial para nos conhecermos e conhecermos um pouco mais sobre a disciplina de EaD na UFC, visto que há um grande diferencial quando comparada à outras disciplinas convencionais.

Lembrando que esse Fórum de ambientação ficará disponível para discussão até o dia 28/08/2015.

Fechar Responder

Deixem as ideias fluírem!!

Figura 1. Fórum de Ambientação (O que eu vim fazer aqui?) no TelEduc.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Realizamos a leitura de todos os fóruns de ambientação postados pelos alunos e chegamos ao total de 17 respostas. Após, classificamos as respostas em duas categorias específicas de acordo com o que estava escrito pelo aluno. As categorias de respostas em relação ao pensamento e incentivo em realizar a disciplina são as seguintes: 1 – A disciplina é obrigatória; 2 – Desejamos aprender e descobrir mais informações durante a disciplina.

Quadro 1 – Escritos dos alunos de EaD no Fórum de Ambientação, dentro da categoria 1.

Categoria 1 – A disciplina é obrigatória!
<p>“Primeiramente vim cursar a disciplina pois ela é obrigatória. Mas também espero aprender com vocês e ter uma visão diferente da que tenho. Quero encontrar os pontos positivos da ead visto que só vejo pontos negativos”.</p>
<p>“Bem, a disciplina de ead é obrigatória no meu currículo então preciso fazer para me formar, além disso quero quebrar um sentimento de frustração que tenho sobre a disciplina, pois já fiz outra vez e não fui feliz e reprovei. Além disso, nós como professores devemos sempre nos atualizar quanto a ferramentas de ensino e no mundo de hoje, onde o uso da tecnologia só vem crescendo, a tendência é o ensino a distância ganhar cada vez mais espaço. Enfim, estou aqui para aprender e trocar conhecimento. #agoravai Abraço”.</p>

“Bem, estou no sétimo semestre do curso de pedagogia e adiei esta disciplina até aqui porque, sinceramente, não me familiarizei com ela no 3º semestre. Porém, é uma disciplina obrigatória e deve ter seus motivos para isso. Farei a minha parte e dessa forma darei a oportunidade a mim e a disciplina de sermos "boas amigas ou rivais assumidas"! Que seja um semestre proveitoso para todos nós”!

“Esta é a terceira vez que me matriculo na disciplina de EaD. Na primeira vez tentei fazer no semestre certo, que no caso do meu currículo seria no terceiro. Cheguei a assistir à primeira aula, mas desisti de fazer EaD naquele semestre. Na segunda vez, que foi no semestre passado, 2015.1, me matriculei em EaD e não consegui chegar ao final da disciplina. Agora pela terceira vez, espero concluir EaD definitivamente. Acho que as mudanças e os ajustes que ocorreram ao longo desses semestres no que diz respeito ao material e as atividades da disciplina foram ótimas e se mostraram eficazes para melhorar a dinâmica e a interação entre aluno/formador/professor e me fizeram ver a disciplina com outros olhos”.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentro dessa categoria foi notável a falta de interesse e desmotivação dos alunos sobre a obrigatoriedade da disciplina. Além disso, há muitos alunos que demonstram por meio de suas “falas” que não gostam da modalidade EaD. Relacionando os “ditos” pelos discentes com os princípios de ID do MM, evidenciamos que muitas vezes, o distanciamento e limitação educacional, e exclusão à alfabetização tecnológica das comunidades, dificultam ou inviabilizam a autosustentação e autonomia de algumas comunidades (Bezerra, 2015). Nesse caso específico seria a autonomia do próprio sujeito em encarar a sua realidade e buscar um encontro positivo em relação aos processos educacionais sócio-digitais de um modo geral, visto que vivemos em um mundo tecnológico e cercado de informações.

Quadro 2 - Escritos dos alunos de EaD no Fórum de Ambientação, dentro da categoria 2.

Categoria 2 – Desejamos aprender e descobrir mais informações durante a disciplina!

“Por motivos maiores não pude fazer essa disciplina no terceiro semestre e sempre ouvi falar dos alunos da minha turma o quanto desafiador era essa disciplina. Espero que eu aprenda bastante nesses foruns e nessas leituras que são bem instigantes. Como é uma disciplina fora do convencional, vai ser interessante aprender nesses espaços, há um acompanhamento dos bolsistas com nos alunos, o que facilita a compreensão do andamento dessa disciplina a distancia.

“Vim desfrutar, vim descobrir, conhecer, discutir, vim interagir...viver um pouco esse mundo virtual, vendo suas qualidades, vantagens...ou não, vim me surpreender, ter base para falar sobre EaD, não ficando só no ouvi dizer”.

“E o que eu vim fazer aqui foi buscar novos conhecimentos e novas experiências nessa disciplina que desperta muito minha curiosidade e meu desejo de aprender. Texto Zayra: O texto da Zayra me ajudou a entender como é a dinâmica da disciplina e como será

a avaliação na EaD e ainda esclareceu algumas dúvidas que eu tinha”.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A categoria 2 percebemos a importância de vivências anteriores à disciplina na modalidade proposta, pois muitos alunos com essa vivência no mundo digital conseguem realizar grandes observações a respeito do intuito da disciplina de maneira reflexiva e crítica, embasada em seus próprios conhecimentos, incorporando assim alguns princípios importantes como acompanhamento técnico-pedagógico e a continuidade do acesso. Fatores fundamentais para utilização e manejo das ações que envolvem elementos da EaD e da ID.

Atendendo assim, para utilização de tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas, promovendo reflexões e construção da cultura digital adequada à realidade de cada comunidade e desenvolvimento social por meio da ID desses alunos. (BEZERRA, 2015)

5. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo fundamental identificar as contribuições da Inclusão Digital a partir da vivência dos alunos na disciplina de Educação a Distância (EaD) do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFC. Para tanto, nosso lócus da pesquisa foi a disciplina de EaD, ofertada semestralmente no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. O encontro de respostas e categorias para as análises, nos trouxe profundas reflexões para melhoria da disciplina. Em relação ao Fórum, faz-se necessário que nesse momento que os formadores e alunos ficarão atentos às colocações desses últimos, visando colaborar para que não haja futuras desistências e dificuldades em relação a ID dentro da disciplina. As falas apresentadas trazem reflexões sobre o fazer docente e práticas que deveremos adotar futuramente na disciplina para que tenhamos uma desmitificação da “desgraça” da EaD, movimento de crítica e repercussão entre alunos do curso de Pedagogia da FACED-UFC.

A qualidade e continuidade no acesso, a garantia de pleno funcionamento, o acompanhamento técnico-pedagógico, e o apoio social são os princípios fundamentais que o MM adota para que a ID ocorra de forma efetiva e os sujeitos sejam realmente incluídos não só digitalmente, mas socialmente. A qualidade de acesso e continuidade na disciplina diz respeito à forma como os alunos acessam e o quanto eles são livres para acessar esses ambientes mesmo terminado à disciplina, basta que lembrem a senha e login iniciais. O acompanhamento técnico-pedagógico é importantíssimo para o bom andamento dos alunos na disciplina, realizando ajudas e mediações quando necessárias. Por fim o apoio social do grupo o qual o aluno está inserido, respeitando seus contextos e especificidades, montando uma rede de compartilhamento de emoções e aprendizado.

A partir desses princípios básicos de ID do MM, finalizamos por apresentar conforme Borges Neto e Rodrigues (2009) o último princípio de sustentabilidade, o princípio de multiplicação, que seria o responsável pela expansão do modelo de ID adotado e da sua possibilidade de ser multiplicado ou replicado, adaptando-se ao contexto no qual for

inserido. A esse princípio específico, deixamos a reflexão pessoal para que tenhamos isso em mente, possibilitar a multiplicação de um novo pensar em relação à educação brasileira, multiplicando conhecimentos e princípios que propõem mudanças de vidas e contextos em relação à tecnologia.

Por fim, entendemos que através desse trabalho possível abordar novas pesquisas relacionadas ao uso de tecnologias digitais na área educacional e entender suas conexões, interconexões, multi-conexões, entendendo e respeitando seus limites, possibilidades e especificidades.

7. Referências

ALVES, João Roberto Moreira.; LITTO, F.M.; FORMIGA, M.M.M. (Org.). **A história da EAD no Brasil**. In: Educação a distância: o estado da arte / São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BEZERRA, Angela Maria de Souza. **Inclusão Digital**: uma sistematização sobre a proposta metodológica do Laboratório de Pesquisa Multimeios (IDM²) da FAGED/UFC. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Dissertação. Fortaleza, Ceará, 2015.

BORGES NETO, H. RODRIGUES, E.S.J. **O que é inclusão digital?** L.C. UNB, v. 15, p. 345-362, 2009.

_____. BORGES, Suzana Capelo. **O que é inclusão digital?** Material de Leitura da Disciplina de EaD/UFC, Fortaleza, 2007. Disponível em: AVE-TelEduc.

_____. et al. **A Sequência de Fedathi como proposta metodológica no ensino-aprendizagem de matemática e sua aplicação no ensino de retas paralelas**. In: 102 ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE. EDUCAÇÃO – EPENN, 15., 2001. São Luís. Anais... São Luís, 2001.

CABRAL FILHO, A. V. **Sociedade e tecnologia digital**: entre incluir ou ser incluída. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, set. 2006. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**: a era da informação; economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Z.B. **O processo de avaliação da disciplina de Educação à Distância do Curso de Pedagogia da UFC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2013.

DI PIERRO, M. C., et al. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil**. Cad. CEDES [online]. 2001, vol.21, n.55, p.58-77. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S010132622001000300005>. Acesso em: 12 de abr de 2017.

LITTO, F. M. et al. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education.,2009.

MATTA, A. E. R. **Comunidades em rede de computadores**: abordagem para a educação a distância - EAD acessível a todos. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância. Abr.,2003.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes SocInfo (Programa Sociedade da Informação). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/socinfo-programa-sociedade-da-informacao/>>. Acesso em: 09 de fev. 2016.

NOVA, C. ALVES, L. **Educação a distância: Limites e Possibilidades**. Texto publicado no livro Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

NUNES, I.B.; LITTO, F.M.; FORMIGA, M.M.M. (Orgs.). **A história da EAD no mundo**. In: Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

SILVA, Ângela Carrancho da. **Educação e Tecnologia: entre o discurso e a prática. Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 527-554, jul. /set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n72/a05v19n72.pdf> > Acesso em: 08 de jan. / de 2016.

SILVA, H. et al. **Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania**. Ciência da Informação, Brasília, v. 34, n.1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a04v34n1>> Acesso em: 10 de jan. de 2016.

SOARES, Raianny Lima. **Por que AVE?: uma discussão sobre ensino e aprendizagem em ambientes virtuais**. 2014. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SOUZA, M. J. A. Sequência Fedathi: apresentação e caracterização. In: SOUSA, F. E. E; VASCONCELOS, F. H. L; BORGES NETO, H. (Org.) **Sequência Fedathi: uma proposta para o ensino de matemática e ciências**. Fortaleza: Edições UFC, 2013. p. 15-47

XAVIER, Daniele de Oliveira. **A proposta de EaD do multimeios/FACED/UFC a partir da experiência do curso: introdução ao pensamento de João dos Santos**. Graduação em Pedagogia. Universidade Federal do Ceará. Monografia. Fortaleza, Ceará, 2017.